

Urbanidades em construção: crianças, fotografias, falas e fábulas sobre a cidade

Evandro Alves¹; Bárbara Cecília Marques Abreu²

Recibido: 25 de abril de 2017 / Aceptado: 13 de julio de 2017

Resumo. Este artigo tem como objetivo refletir sobre os discursos das crianças sobre a cidade no contexto de um projeto pedagógico de uma turma de educação infantil de uma escola do município de Porto Alegre (Brasil). Este projeto pedagógico, entre suas atividades, permitiu a produção de registros fotográficos, feitos pelas crianças, dos passeios e espaços que visitaram. Buscamos compreender, com a análise dessas produções, o entendimento das crianças sobre o espaço que as rodeia e as relações existentes nesse espaço. Para alcançar esse objetivo, os pesquisadores acompanharam as atividades de um projeto pedagógico sobre ocupação do espaço urbano, tipos de moradia e relações dos moradores da cidade. Este projeto resulta de uma articulação entre a professora de uma escola de educação infantil e os pesquisadores. Deste contexto, realizamos uma pesquisa qualitativa e exploratória. Imagens e discursos produzidos por crianças neste momento, em primeiro plano, aliadas a notas de campo dos pesquisadores, como pano de fundo, formam o contexto de produção dos dados desta investigação. Os resultados parciais desta pesquisa ainda em andamento apontam para: (1) diversidade das perspectivas das crianças sobre a cidade e vivendo na cidade; (2) muitas vezes essas perspectivas são diversas do ponto de vista dos adultos. Tal diversidade poderia, em princípio, estar relacionada: (3) à atividade de construção e criação do pensamento e subjetividade da criança para se apropriar e ressignificar o espaço urbano e suas relações.

Palavras-chave: Educação infantil; cidade e espaço urbano; dialogismo.

[es] Urbanidades en construcción: niños, fotografías, charlas y fábulas sobre la ciudad

Abstract. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los discursos de los niños sobre la ciudad, en el contexto de un proyecto educativo de una clase de educación infantil en una escuela de Porto Alegre (Brasil). Este proyecto educativo permitió la producción de registros fotográficos, realizados por los niños/as, de los paseos y lugares que visitaron. Por medio de su análisis, buscamos entender la comprensión de los niños/as sobre el espacio que les rodea y las relaciones existentes en dicho espacio. Para lograr este objetivo, los investigadores siguieron las actividades de un proyecto educativo en la ocupación del espacio urbano, los tipos de vivienda y las relaciones existentes en ese espacio. Este proyecto es el resultado de una colaboración entre la maestra de la clase y los investigadores. En este contexto, se realizó una investigación cualitativa y exploratoria. Las imágenes y los discursos producidos por los niños/as en este momento, en un primer plano, junto con las notas de campo de los investigadores, como telón de fondo, forman el contexto de producción de datos de esta investigación, que está todavía

¹ Doutor em Educação. Professor adjunto da Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

E-mail: evadarilho@gmail.com

² Licencianda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

E-mail: barbaracmabreu@gmail.com

en curso. Los resultados parciales muestran: (1) la diversidad de perspectivas de los niños/as sobre la ciudad y la vida en la ciudad; (2) que muchas veces esas perspectivas son diferentes del punto de vista adulto. Esta diversidad en principio podría estar relacionada con: (3) la actividad de la construcción y la creación del pensamiento y de la subjetividad del niño/a en el proceso de apropiarse y resignificar el espacio urbano y sus relaciones.

Palabras clave: Educación infantil; ciudad y el espacio urbano; dialogismo.

[en] Urbanities in Progress: Children, Photographs, Talks and Fables on the City

Abstract. This article aims at reflecting on children's speeches on the city in the context of a pedagogical project carried out in a preschool education class. Among its activities, the project enabled the production of photographic records, made by the children, of the walks and spaces they visited. By means of the analysis of these productions, we tried to grasp the way children understand the space that surrounds them and the relationships existing in this space. To achieve this goal, the researchers followed the activities of a pedagogical project on the occupation of urban space, the types of housing, and the relations of residents of the city of Porto Alegre (Brazil). This project results from the collaboration between the class teacher and the researchers. In this context, we conducted a qualitative and exploratory research. The production of the research data builds mainly on the images and speeches produced by the children together with the field notes of the researchers, as background. The research is still in progress. The partial results point to: (1) the diversity of children's perspectives about the city and living in the city; (2) the frequent differences of their perspectives compared to the adults' view. Such diversity could, in principle, be related to: (3) the activity of construction and creation of children's thought and subjectivity to appropriate and re-signify the urban space and its relations.

Keywords: Preschool education; city and urban space; dialogism.

Sumario. 1. Apresentação. 2. Dimensões da pesquisa: infância(s), espaços e fotografia(s). 3. Metodologia – concepções e projeto. 4. Fotografias, falas, fábulas sobre a cidade – alguns cenários. 4.1. A fotografia como forma de ver e ser visto na cidade. 4.2. Localizações na cidade. 4.3. A vida social e seus códigos. 5. Considerações finais. 6. Referências bibliográficas.

Cómo citar: Alves, E., Abreu, B. C. M. (2017): Urbanidades em construção: crianças, fotografias, falas e fábulas sobre a cidade, *Sociedad e Infancias*, 1, 147-164.

1. Apresentação

Este artigo busca apresentar atividades desenvolvidas no projeto de pesquisa *Urbanidades em Construção*, realizadas junto a um grupo da educação infantil ao longo do ano de 2016. A pesquisa teve como objetivo sistematizar e refletir sobre falas, olhares e produções deste grupo no tocante à cidade e à ocupação do espaço urbano.

O estudo *Urbanidades em Construção* é uma linha de investigação do projeto *CIVITAS - Cidades Virtuais com tecnologias para Aprendizagem e Simulação* desenvolvido pelo Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Criação/Cognição, situado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LELIC/FACED/UFRGS). A partir deste contexto, interessou-nos saber o que as crianças enunciam sobre a cidade, sobre a ocupação do espaço urbano e das relações entre as pessoas neste espaço.

A pesquisa tem caráter qualitativo, configurando-se como estudo de caso. Sua realização foi articulada ao acompanhamento de atividades de um projeto pedagógico realizado com uma turma de maternal 2 em uma escola de Educação Infantil, situada no bairro Centro Histórico do município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul (Brasil). Formou o grupo participante da pesquisa uma turma constituída por 10 crianças com idades entre 3 e 4 anos.

O campo se estabeleceu a partir de articulação entre pesquisadores, escola e professora referência do grupo participante. A partir dessa articulação, os pesquisadores passaram a atuar no projeto pedagógico em curso, que se direcionava para temáticas relacionadas ao tema da cidade e do espaço urbano, em função dos interesses das crianças. Foram realizadas, entre outras propostas, contações de história, construção de maquetes, saídas de campo com uso de câmeras digitais para registro de fotografia e vídeos, dramatizações, rodas de conversa. As propostas foram realizadas de forma a capt(ur)ar percepções, relações e sentidos atribuídos pelo grupo participante quanto às relações espaço-cidade-sujeito, que foram surgindo em meio aos registros, observações, e conversas do/com o grupo.

Assim, os dados a serem analisados nesta pesquisa são enunciados proferidos pelos sujeitos durante o projeto, bem como a produção de imagens realizadas nas saídas de campo. São registros adicionais apontamentos dos registros de campo dos pesquisadores.

As perguntas norteadoras da pesquisa são as seguintes: Como as crianças veem a cidade? O que dizem dela? Existiriam similaridades e diferenças com uma perspectiva adulta sobre a cidade? Existiriam indícios nas falas e nas produções de imagem que trouxessem elementos da cidade pensada e expressa a partir da perspectiva das crianças?

Os resultados do estudo apontam para a existência de diferenças entre as perspectivas da cidade do ponto de vista das crianças e dos adultos, tanto no que elas dizem quanto nas imagens que produzem sobre a cidade. A utilização das mídias e dispositivos se tornaram componentes relevantes, tanto na produção de enunciados sobre a cidade, quanto na potencial metarreflexão das crianças sobre suas produções, ao (re) verem-nas em um segundo momento. Estes aspectos são elementos importantes para metodologias de trabalho pedagógicas na educação infantil que priorize a autoria das crianças no processo de apropriação/ressignificação da ocupação do espaço urbano e do convívio social.

2. Dimensões da pesquisa: infância(s), espaços e fotografia(s)

Pensar uma pesquisa referente a crianças e suas relações com a cidade nos remeteu a necessidade de compreendermos e posicionar-mos quanto à definição de infância em sua dimensão política e social. A partir dos estudos da Sociologia da Infância, buscamos a compreender em sua pluralidade: assim, temos Infâncias, pois se constituem e são vivenciadas nas realidades, espaços e organizações diversificadas.

Considerar as Infâncias propicia discussões sobre a concepção de ser criança. Potencializa considerar, no caso específico deste estudo, a criança como sujeito ativo, de direito, de linguagem, que possui voz(es) e olhar(es), que interpreta, interage,

produz e age no mundo, que possui autonomias específicas, exigindo assim a dissociação de estereótipos e da perspectiva homogeneizante do que é ser criança e do que é infância (Sarmiento, 2007: 36).

Wüffel e Dornelles (2017) apontam que, a partir dos referidos estudos, é necessário compreender não somente os processos de socialização das Infâncias e os sujeitos nelas inseridos, “mas também a apropriação, reinvenção e reprodução realizadas pelas crianças, sendo necessário percebê-las como atores sociais plenos” (Wüffel e Dornelles, 2017: 120). Ao considerarmos as crianças como atores sociais plenos, passamos a reconhecer as Infâncias não somente como receptoras de culturas, mas como um grupo social geracional que se apropria e ressignifica os códigos culturais a partir de suas vivências, produzindo culturas, culturas infantis.

Para Müller (2006) ao considerarmos as culturas infantis, nos deparamos com outras questões, pois “embora a infância seja plural – infâncias –, constantemente ela sofre generalizações. Isto se deve à administração simbólica da infância” através de uma universalização de produção para a infância pelas corporações internacionais. Assim, torna-se essencial a distinção entre culturas produzidas *para* a infância, nos âmbitos das grandes corporações e escolas, e culturas produzidas *pela* infância, na troca entre os pares, nas relações estabelecidas entre e pelas crianças em seus processos de socialização (Müller, 2006: 558).

Desta maneira, culturas infantis surgem e se constituem em diversos espaços urbanos. A cidade transforma-se em elemento da formação da autonomia e individualidade destes sujeitos, de suas interações e transições. Para inúmeras “crianças os contornos de suas vidas cotidianas e experiências são (em parte) moldados pelos ambientes da cidade” (Prout, cit. em Müller e Nunes, 2014: 660). Assim Lansky (2012) nos mostra as diferenciações e adequações de espaços realizadas quando se trata de crianças e cidade:

Os espaços com crianças, que neste estudo englobam: os espaços produzidos por adultos (espaços para crianças ou espaços infantis); espaços apropriados pelas crianças – [...], espaços de resistência, apesar da tentativa de impedimento e da noção de inadequação de tal apropriação (espaços das crianças); e a circulação de crianças entre os espaços. Reiterando, essa circulação é, muitas vezes, vista como inadequada e as cidades não são concebidas de maneira que facilite ou estimule tal prática, mas, por outro lado, exerce grande atração nas crianças e é compreendida como direito. (Lansky, 2012: 85)

O presente estudo, a partir dos apontamentos de Lansky e de outros autores, buscou cap(tu)rar elementos do processo da circulação das crianças nos espaços da cidade. Através de suas falas e da produção de imagens sobre seu entorno, pretendeu-se delinear compreensões de que tal circulação não se restringe a cobertura da distância entre dois pontos, mas é parte essencial na constituição da subjetividade. “Os caminhos dos habitantes de uma cidade conectam os mecanismos perceptivos ao ato de conhecer” (Andrade e Axt, 2000: 96). Assim, realizar o caminho é mais que seguir de um ponto de origem ao de destino. É durante o caminho que as crianças produzem sentido e constroem conhecimento sobre a cidade, sobre a convivência social e sobre si mesmas. Essa perspectiva remete ao conceito de cidade como um sistema cognitivo complexo que se constituiu na interação dos sujeitos, entre sujeitos e ambiente, dando forma as organizações do espaço urbano (Andrade e Axt, 2000). Organizar e

pensar sobre fragmentos destes percursos, capturados ao longo de um projeto pedagógico, é o objetivo desta investigação.

Ao dimensionar a cidade como espaço cognitivo complexo, cabe uma discussão sobre nossa compreensão sobre *urbanidade*, constante no título. Em português, espanhol e inglês, as palavras *urbanidade/urbanidad/urbanity* podem remeter a acepções referentes a comportamentos para o bom trato social, o aprendizado da cortesia, das boas maneiras e do respeito entre os cidadãos. Ainda que nos interessem esses temas, na compreensão de que eles também compõem a cidadania, neste estudo não preconiza como *urbanidade/urbanidad/urbanity* como uma lista comportamentos e habilidades, em geral idealizados, a serem aprendidas por crianças da Educação Infantil.

Buscamos, desta maneira, na imanência das falas das crianças, refletir aspectos que elas observam/enunciam sobre o espaço em que vivem e circulam, na constituição de suas relações com este espaço urbano, de uma *urbanidade* não dada *a priori* pelos manuais de boas maneiras, mas de *urbanidades em construção* pelo olhar atento das crianças, sensível ao jogo de relações pedagógicas/sociais/ culturais/políticas/ tecnológicas/subjetivas que lhes circundam.

Neste sentido, a ideia de uma urbanidade em construção não condiz perspectivas de um sujeito isolado do meio social, nem de um sujeito que meramente reproduz, por internalização, os códigos sociais. Uma urbanidade em construção alinha-se com perspectivas da relação entre indivíduo e sociedade em que as dinâmicas de interação não são acessórias, mas sim fundantes, desde a infância, das relações individuais e as relações sociais. Tal abordagem encontra ressonância, por um lado, em apontamentos realizados por autores como Setton (2002; 2015), sobre as teorias da socialização que demandam releituras de conceitos ainda potentes na sociologia, mas que necessitariam serem revistados para delineamentos tendo em vista a contemporaneidade. Um exemplo seria o conceito de *habitus*, da obra de Pierre Bourdieu³. Por outro lado, uma urbanidade em construção também se encontra alinhada com os estudos sobre Infâncias e culturas infantis.

Em seus estudos, Müller (2012) utiliza a fotografia como dispositivos para capt(ur)ar imagens e reflexões de crianças sobre a cidade de Porto Alegre. A autora realça a importância da cidade como campo de pesquisa, não somente por ser uma entidade geográfica, mas também por aí também se entrelaçar diversas experiências do habitar. Em sua pesquisa, ela distribui câmeras fotográficas para crianças, entre 4 a 12 anos de diferentes bairros da cidade, para que elas produzam imagens sobre lugares que costumavam frequentar e consideravam importantes na cidade.

O estudo aponta a capacidade das crianças, ainda que dentro dos limites estabelecidos pelos adultos, de criarem e registrarem *lugares delas*. Mesmo que seja um espaço conhecido pelos adultos, o registro aponta para um ângulo, um recorte, uma

³ Setton (2015) realça o potencial explicativo do conceito de *habitus*, de P. Bourdieu, mas aponta para sua necessária atualização. Na perspectiva da autora, dever-se-ia considerar, a partir da discussão sobre as atuais teorias da socialização, questões referentes à hibridização cultural, que traz outras forças para a compreensão das relações entre indivíduo e sociedade que não somente as demarcadas pelo conceito de classe, e os contextos atuais em que as relações sociais estão cada vez mais perpassadas pela mídia, processos de mundialização e grupos de pares como fatores importantes na referida atualização. Com estas ponderações, a autora pretende “estimular estudos relativos aos processos socializadores nos âmbitos institucional e individual, bem como auxiliar no difícil procedimento de investigar a construção do *habitus* com base na observação cuidadosa dos mecanismos e estratégias formadoras” (Setton, 2015: 722).

produção da imagem que traz consigo uma autoria da criança que a produziu. Ao mesmo tempo, “elas são criativas para criar lugares e atribuir a eles um sentido especial, o que muitas vezes o adulto é incapaz de compreender” (Müller, 2012: 312).

No âmbito da produção de imagens na educação infantil, o trabalho de Neuls (2015), realizou investigação sobre possibilidades da fotografia realizadas por crianças como dinamizador de aprendizagens, conforme tais registros são tidos por expressividades de suas perspectivas sobre o cotidiano escolar. Neste viés, o ato de fotografar, mesmo se feito por crianças,

[...] não é apenas uma ação mecânica para operar uma máquina, pois o olhar de quem fotografa está impresso em cada imagem, é o registro da forma como o outro da fotografia pensa o mundo e as coisas. O fotógrafo não escolhe apenas o plano, a luz e o foco que irá utilizar para fotografar, mas escolhe também o ângulo, a forma como vê e lida com determinada cena, imagem. A fotografia expressa os sentimentos, a sensibilidade e a criatividade de quem fotografa. (Neuls, 2015: 17)

A compreensão da fotografia como expressividade, como imagem ligada a uma função de autoria, traz implicações à análise das produções. Uma discussão detalhada sobre o estatuto da imagem foi realizada por vários autores no âmbito da Filosofia e fugiria dos objetivos deste trabalho⁴. Porém, cabe delimitarmos, ainda que brevemente, uma compreensão sobre as criações verbais e as produções de imagens no âmbito deste estudo.

Para este fim, nos valem do conceito de enunciado, advindo da perspectiva bakhtiniana da filosofia da linguagem (Bakhtin, 2003), na qual o enunciado é uma “unidade real da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003: 269), sempre inserido dentro de uma relação dialógica entre interlocutores que comungam do mesmo tempo espaço físico (interlocutores) ou não (no caso da relação entre autor e leitor, por exemplo). Nesta relação, o enunciado se compreende como uma *resposta*, uma produção que advém de uma atividade do sujeito, como expressividade de sua função de autoria. Este enunciado é produzido como uma réplica a enunciados que o precederam, ao mesmo tempo em que, em sua construção, busca ser uma demanda a futuros enunciados.

Contudo, embora consideremos neste estudo registros verbais e imagéticos como enunciados, não quer dizer que falas, escritas e imagens gráficas tenham a mesma natureza. Falas e escritas estão no regime da criação verbal; produções de imagens,

⁴ Dentre outros autores, destacamos a obra de Bergson (1999), sobretudo em seu livro *Matéria e Memória*, no qual discute a constituição do estatuto da imagem pela teoria das multiplicidades. Segundo Bergson, uma imagem seria um misto de grau e de natureza distintas, espaço e tempo. Esse misto confere a imagem uma *duração*. Porém, tal *duração* é potencial. Ela somente se atualizaria de forma relacional, no encontro com outra imagem: a do observador, que se constrói em conjunto com a imagem observada. Além disso, Bergson aponta haver outros tipos de imagem que não somente a visual: existiriam imagens sonoras, táteis, olfativas, etc. Em outra instância, autores como Michel Foucault, em seu texto *Isso não é um Cachimbo* (1988), apontam para uma relação dispar e paradoxal entre dois tipos de imagem, a visual (de um cachimbo) e a de escrita (logo abaixo, como um rótulo, mas a alertar que a imagem acima da frase não se trata de um cachimbo). Foucault aponta que relações entre as palavras e as coisas não são tão naturais do que se concebe. Trata-se de um regime de representação específico, construído historicamente. Tal regime se daria menos por mera proximidade entre a palavra e o objeto e mais em função de relações de poder que aproximam a coisa da palavra que a nomeia. Deleuze (1998), em seu livro *Foucault*, comenta sobre essa disparidade e suas implicações para pensar a constituição do sujeito na obra foucauldiana.

mediante câmeras digitais, por exemplo, são produções de outra natureza que não a verbal. Spohr (2015), ao tratar das modulações tecnológicas em uma escola da rede pública de ensino básico, traz considerações neste sentido, com base no pensamento de Vilém Flusser, autor conhecido por suas reflexões acerca de uma filosofia da fotografia:

[...] a estrutura do texto é prescritiva uma vez que indica o modo como deverá ocorrer a sua leitura, para que ganhe sentido, ou seja, é preciso ler o texto para captar sua mensagem. Já a leitura de imagens, [...] requer outra operatividade: podemos experimentá-las, primeiro, para depois, decompô-las em sentido. (Spohr, 2015: 99)

A partir destes apontamentos, podemos apreciar, por exemplo, os resultados de Neuls (2015), em seu trabalho sobre a questão da fotografia na educação infantil. A autora aponta a existência de diferentes enfoques para a produção de imagens, quando se comparam fotos de crianças e de docentes sobre as mesmas atividades pedagógicas. Neuls chama a atenção que, nas imagens produzidas pelas docentes, o foco se dirigia à produção das imagens das atividades realizadas. Já as crianças focavam seus pares em atividades, num jogo de espelhos em que, ao produzir e refletir sobre as imagens dos outros, a criança podia “ver o que viu”, enquanto participe da experiência (Neuls, 2015: 39).

A partir do viés bakhtiniano apresentado nos parágrafos anteriores, poder-se-ia pensar na intrincada rede de enunciados, que circundam a produção de imagens e de falas sobre as imagens produzidas. As docentes, no trabalho de Neuls (2015), atreladas a enunciados que caracterizam sua profissão, sua necessidade de registrar acontecimentos para, posteriormente, constar em relatórios e mostra-los a outros professores, direção e pais, acabam, tendencialmente, focando a atividade realizada como um todo. Já as crianças, atreladas a outros enunciados, pertinentes às culturas infantis, ao “brincar com a câmera”, inseri-la no “faz de conta”, acabam produzindo imagens circundadas por outras falas e outros interesses, que se expressam pelo foco, na inserção na foto do outro ou de si mesma e pelas imagens mais “experimentais”, como veremos a seguir.

Outro apontamento importante a partir da obra de Bakhtin (2003) é o conceito de exotopia, ou excedente ético-estético, fundamental na relação entre sujeitos de linguagem e para a compreensão dos enunciados deste estudo, produzidos de forma verbal ou mediante a câmera digital. Para Bakhtin, a relação exotópica está ligada a movimentos concernentes à incompletude humana. Um sujeito consegue ver ao outro, tem sobre o outro um “excedente de visão”, sobre o qual projeta presunções, valores, imagens, em suma, tudo o que sirva para “completar a imagem do outro” para este sujeito. Porém, este mesmo sujeito detém um “ponto cego”: não consegue ver a si mesmo. E nisso reside a inalienável inter-relação entre o sujeito e o outro. O “excedente” que o outro tem sobre o sujeito é essencial para “completar-lhe” a visão de si mesmo, e vice-versa.

Desta relação entre “excedentes de visão” entre os sujeitos, mediada pelo mundo e pelas palavras que deste mundo se diz, é que o diálogo se estabelece, como uma troca de enunciados, em nosso caso, produzidos verbalmente ou através de imagens, e dinâmicas de apropriação e ressignificação da vida na cidade, referentes ao espaço urbano e/ou as regras de convívio social.

Seguindo este espírito, este estudo exploratório procurou analisar imagens e falas das crianças referentes aos espaços urbanos, utilizando a fotografia como dispositivo metodológico e expressivo para capt(ur)ar as disposições ético-estéticas-afetivas de viver na cidade.

3. Metodologia - concepções e projeto

O Projeto, configurado como um estudo exploratório, é resultante de uma articulação entre o laboratório LELIC/FACED/UFRGS e uma escola de educação infantil da zona central do município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, na região sul do Brasil. O trabalho se realizou com um grupo de 10 crianças com idades entre 3 e 4 anos (maternal 2). Do ponto de vista socioeconômico, são crianças de classe média. Nossa intenção era, enquanto pesquisadores, ao participar das atividades e projetos da escola, indagar as suas falas, representações referentes à cidade.

A realização das experimentações com o uso das tecnologias digitais possuiu como ponto de partida as experiências de espaços urbanos das crianças, assim como os seus saberes, com um olhar atento e reflexivo as diversas manifestações e interações entre sujeitos e espaço. Tais interações são contextuais e da ordem do irreversível, emergindo em um dado espaço-tempo, como produção e expressividade (AXT, 2008).

A pesquisa se alinha também a uma perspectiva de pesquisa em educação de razão sensível, com disposições ético-estético-afetivas (Dorneles e Arenhaldt, 2016). O processo de pesquisa neste contexto, visa possibilitar outras dinâmicas de estar-junto, de (re)conhecimentos, aprendizagens, sensibilidades e seus tempos.

As demandas da pesquisa em Educação neste contexto implicam a busca por processos de produção de sentido nas vivências com a cidade, articuladas com a realidade das crianças envolvidas, assim como das propostas pedagógicas em desenvolvimento pela instituição de ensino. Segundo Bakhtin (cit. em Konzen, 2015) a produção de sentido surge por meio da interação, da relação entre os sujeitos, e suas produções dialógicas. Axt (2008), também com base no pensamento de Bakhtin, aponta que a pesquisa, ao considerar pesquisador e grupo participante enquanto sujeitos de linguagem, direciona-se para as formas dialógicas, polifônicas e polissêmicas, na medida em que,

[...] dar voz ao sujeito da linguagem (o qual entendemos ao mesmo tempo como sujeito da educação e sujeito da pesquisa), significa trabalhar com as linguagens, com as possibilidades de expressão de sentidos nos encontros contextualizados, historicizados, em que os sentidos se produzem enquanto efeitos das misturas nos coletivos e no entrecruzamento com outros sentidos. Vale dizer, os sentidos se produzem enquanto efeitos de um contexto vivencial, regido por uma ética das relações e uma estética da existência. É desses sentidos que propomos fazer a escuta: uma escuta instituída numa relação de solidariedade com a intervenção, uma intervenção, ela própria constituída em escuta. (Axt, 2008: 97)

Neste regime de solidariedade entre intervenção e escuta das vozes dos sujeitos que se inscreve o plano metodológico desta investigação, como espaço de experi-

mentação, no qual se delinea a implicação do pesquisador em dois movimentos interdependentes, conforme Axt (1998). Um dos movimentos segue na direção da implicação-vivenciação, na qual o lugar do pesquisador se configura muito pelo seu envolvimento com o campo de pesquisa. O outro movimento tensiona para a constituição de dinâmicas de distanciamento-explicação, no qual, ainda que imerso no campo, o pesquisador tem de elaborar um espaço subjetivo de afastamento para poder apreciar as relações em jogo no campo. É na dinâmica relacional destes movimentos que se dá a articulação das vivências nos contextos de pesquisa e os processos de afastamento para análise e compreensão da pesquisa.

Neste sentido, passamos, enquanto pesquisadores do LELIC, a participar de algumas atividades já em curso na escola, referentes ao projeto anual, que envolvia a leitura de obras da autora brasileira Christina Dias. Dois livros foram utilizados neste projeto: *Menina Luz* (Dias, 2004), tematizando a questão das formas geométricas, da arquitetura, dos moradores e moradias da cidade e *Mensagem para o Rei* (Dias, 2014), a partir da qual se desenvolveram atividades sobre os castelos, as vestimentas e os costumes na Idade Média, entre outros pontos.

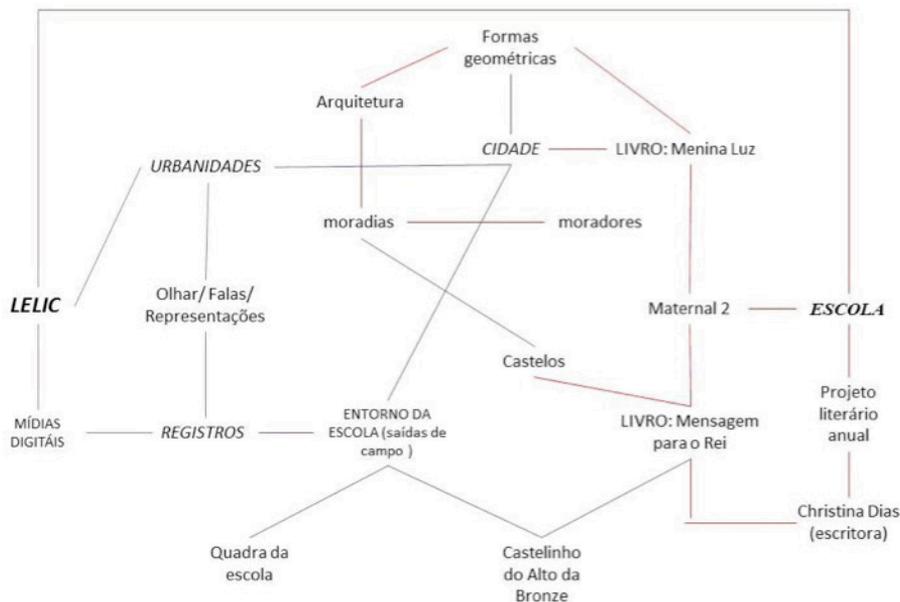
Dentre as atividades do projeto, foram realizadas duas saídas de campo. Uma delas consistiu em um passeio no quarteirão da escola, situada no centro histórico de Porto Alegre, com a finalidade de observação do espaço e das pessoas. As crianças realizaram o registro imagético, por meio da câmera fotográfica, de tudo o que lhes interessava neste pequeno percurso, tão conhecido por elas, pois grande parte do grupo reside nas redondezas da escola.

Posteriormente ligado à outra obra literária de Christina Dias, *Mensagem para o Rei* direcionou o grupo para os castelos, para a arquitetura e costumes da Idade Média, além dos contos clássicos da literatura. Assim uma das propostas da professora para o grupo, foi à construção de um pequeno castelo em caixas de leite, que ficou à disposição para brincadeiras e propostas na sala, tornando-se cenário do teatro da dramatização do reconto da *Rapunzel*, dos irmãos Grimm, para o fechamento do ano letivo.

Em meio a castelos, reis e *Rapunzel*, articulou-se a história da cidade e realizou-se visita no “Castelinho do Alto da Bronze”, situado no final da rua da escola. Esta construção, datada da década de 1940, contém aspectos que contam um pouco da história da cidade e de seus moradores. Optou-se por essa visita pela conexão com os temas trabalhados no projeto e por uma questão arquitetônica, pois um castelo, ainda que de dimensões reduzidas não é uma construção usual na cidade de Porto Alegre. Organizamos esta proposta em dois momentos, primeiramente a contação da história e conversa referente ao Castelinho do Alto da Bronze. O segundo momento de saída até o castelinho, com registros fotográficos e de vídeos, dos momentos deste trajeto.

O Diagrama das atividades e das relações trabalhadas no projeto encontram-se no Quadro 1.

Quadro. 1. Diagrama do Projeto Pedagógico



4. Fotografias, falas, fábulas sobre cidade – alguns cenários

Os dados produzidos no projeto em estudo estão organizados em cenários, a discutir aspectos sobre a cidade e ocupação do espaço urbano. As análises enfatizam, conforme o cenário, as imagens produzidas e os espaços vivenciados ao longo do projeto, bem como alguns diálogos decorrentes da experiência.

As produções de imagem e de diálogos a seguir se inserem em um campo de experimentação que potencializa o sentir-sentido das crianças em suas possibilidades de viver ético-esteticamente na cidade. Na qual o sentido, “inscrito no passado, o sentido produz-se concretamente no presente, no trajeto-imagem de um corpo: este presente, este corpo – tempo-lugar do sentido – sentido emergido- ativado por trajetos-imagens, constituindo um agir e um dizer singulares, histórias narrativas inéditas” (Axt, Silva e Tittoni, 2013: 209).

4.1. A fotografia como forma de ver e ser visto na cidade

Neste primeiro cenário, apresentam-se as seguintes imagens produzidas pelas crianças nas saídas de campo.



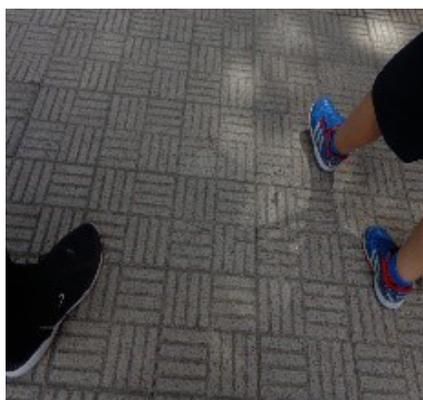
1a



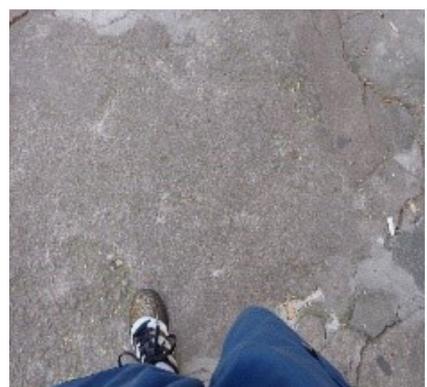
1b



1c



1d



1d



1e

Figuras 1a, 1b, 1c, 1d, 1e e 1f. Ver e ser visto na cidade

Chama a atenção, no primeiro relance sobre o conjunto de fotografias, das quais as Figuras 1a a 1f são exemplos, a diferença de perspectiva: o ponto de vista da cidade, para pessoas que têm em torno de um metro de altura são muito distintas das fotos de quem tem um metro e sessenta e cinco centímetros, altura média do adulto brasileiro. Essa diferença física talvez tenha impacto no que as crianças observam e as imagens que se produzem daí: detalhes da calçada e da rua, com seus contornos, regularidades e irregularidades, bem como fotos de seus pares.

Sobre os pés, surgem pelos menos dois tipos de perspectiva: há fotos em que o autor mostra seu próprio pé na calçada (Figura 1a), enquanto que a Figura 1d é produzida por uma terceira criança, em que se põe em comparação pés de criança e pés de adultos.

Para além dos estudos de “pés na calçada”, muito presentes nas fotos produzidas, outro conjunto de imagens é também fruto deste “mirar da paisagem há um metro de distância”: fotos de hidrantes, de tampos de bueiro, de pichações no muro, ou detalhes de cena que se vê da altura das crianças. Um primeiro olhar poderia predizer que se trata de imagens produzidas “ao acaso”, mas a recorrência das temáticas e os enquadramentos podem remeter a outras vertentes compreensivas destes enunciados imagéticos: através da produção das imagens, que envolvem a si e aos colegas na construção do espaço, como aponta Neuls (2015), as crianças enquadrariam os objetos, as pessoas e a si mesmos para “ver o que viu” das cenas. É como se a câmera fosse um prolongamento do corpo, potencializado como olho adicional e especial, pela capacidade de registrar o momento na forma de imagens.

Outro aspecto interessante é que as crianças acabam por incluírem-se a si mesmas aos outros no campo a ser fotografados. A Figura 1f, a imagem da nuca de um colega, motivo também muito recorrente no conjunto de imagens produzidas. Dentre esse tipo de fotos, as imagens mostram também estratégias de autorretrato, na qual o autor acaba se inserindo, de alguma maneira, no espaço a ser fotografado. Sendo pertinente, também, de nota a Figura 1b, em que a janela reflete a rua e insere o autor da foto na paisagem que observa. Esse processo remete às dinâmicas interacionais e complexas nas quais se constituem, desde a infância, imagens de si, do outro e do mundo. Uma imagem de si que se constitui em relação não somente com o outro, mas também com o mundo físico (as árvores na rua) quanto cultural (os edifícios, as janelas, a rua, o carro, a própria câmera, seus usos e práticas) que o circunda.

Outra imagem pertinente de nota é a da Figura 1c. A dinâmica pela qual se produziu o autorretrato provavelmente foi de forma involuntária, mas que não deixa de ser significativa. Uma criança produz a imagem do olho de uma colega. Trata-se já de uma imagem com efeito estético significativo. A surpresa, porém, está em que, aumentando-se a imagem, pode-se perceber a silhueta do autor da foto na íris da colega.

Inevitável não pensar na Figura 1c sem nos remetermos a discussão sobre a exotopia conceituada por Bakhtin (2003), em que se retrata na ação das crianças um movimento de completar-se a si na projeção de um “excedente” sobre a imagem do outro. Assoma-se a isso um registro de campo, em que seguidamente as crianças ao visualizarem seus colegas na tela da máquina fotográfica enunciam: “Eu estou te vendo”. Ainda que possa ter sido completamente incidental a produção da imagem, temos aqui uma expressão do olhar de um a delinear o olhar do outro. Inicialmente, em sentido único, do autor para o objeto fotografado, mas que se revela, pelo detalhe, um processo de mão dupla.

4.2. Localizações na cidade

Registro de Campo

Após a saída de campo no quarteirão da escola, o grupo reúne-se em sua sala, e realiza uma roda de conversa sobre saída realizada.

F: Nós fizemos um belo passeio. Nós descemos a (rua) General Auto, e minha casa é para lá, na (rua) Riachuelo.

R: Passamos pelo trabalho do meu pai, no palácio.

F: E a gente fotografou e não deixamos cair. (referência à câmera fotográfica)

R: Eu tirei de um caminhão e do trabalho do meu pai.



2a



2b

Figuras 2 a e 2 b. Localizações na cidade

Neste cenário, podemos evidenciar as diversas formas de orientar-se, pertencer e construir saberes referentes ao espaço urbano. Estes apontamentos são perceptíveis quando ao nomear as ruas e identificar a direção da localiza da sua casa, F, demonstra que essas localidades são familiares, possivelmente em decorrência de um frequente caminhar por estes espaços, atribuindo sentidos que vão além da ligação entre pontos. No que se refere a R, ele produz imagens e fala delas a partir de seus interesses, como quando menciona ter registrado a fotografia de um caminhão, o qual aparece em outras fotos. Neste sentido podemos notar a realização do enquadramento de sua foto, muito no registro de produzir a imagem para se poder re-“ver o que viu” (Neuls, 2015).

R realiza também o registro por foto de um prédio, mas não designa essa edificação no contexto organização urbana oficial, no caso, a Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul, mas como “o trabalho do seu pai”. O caminho de casa, o trabalho do pai – espaço a que atribui um sentido que constitui este espaço como espaço humano, como um lugar, que é o “espaço existencial mais próximo da criança”, no entender de Holzer e Holzer (2013: 101).

Além disso, os autores apontam que, nesta fase da vida, a criança já possui potencialidades para realização cartografias próprias, compondo suas experiências essenciais no processo de construção do espaço. Em defesa de uma cartografia feita pelas

crianças, ainda que elas tenham uma específica experiência do mundo, os autores apontam que:

Evidentemente, este horizonte limitado, sob o ponto de vista do adulto, envolve um espaço de descobertas no qual a criança valoriza os menores objetos, seja uma formiga que atravessa o seu caminho, uma pequena pedra ou semente. Todas as suas experiências existenciais se referem à casa ou ao quintal que a rodeia. O espaço existencial infantil exige então uma cartografia da macro escala. Objetaremos que é impossível produzir tal cartografia, pois cada criança vive, nesta escala, uma situação particular. Resta-nos, portanto, ainda pensando no referencial fenomenológico, deixar com que as crianças produzam a sua própria cartografia para que, de posse deste material, possamos extrair referências essenciais que possam ser utilizadas na produção de cartogramas que expressem estas essências. (Holzer e Holzer, 2013: 100-101)

Pode-se pensar que o sentido – o caminho a percorrer até a sua casa, em um caso; quem referencia o prédio, em outro – esteja atuando no recorte do espaço, constituindo lugar. No sentido atribuído por R ao prédio como sendo o do trabalho de seu pai, estariam presentes mecanismos de ressignificação e apropriação do espaço urbano em que R está inserido.

Desta maneira, podemos apontar indícios que de as crianças tem potencialidades para simbolizar a cidade e cartografá-las, conforme apontam Holzer e Holzer (2013), com os códigos que elas dispõem nesta fase da vida: relações intergeracionais em que então inseridas, pelas ruas que transitam, pelos espaços que frequentam. Diferentemente do adulto, que se refere à cidade que habita por pontos conhecidos, e seus poderes exercidos, como o caso citado da Assembleia Legislativa. Os apontamentos sobre as cartografias próprias das crianças são igualmente potentes para pensarmos a produção de imagens também como registros existenciais de como elas veem o, e se veem no, espaço urbano, apresentadas no item anterior.

4.3. A vida social e seus códigos

Registro de Campo

Passo pela sala, e percebo que parte do grupo de crianças da turma está em meio a uma discussão referente às regras do teatro em que brincam. Embora haja, no projeto pedagógico a realização de uma dramatização, não houve tematização específica naquele momento sobre como se deve proceder em um teatro. As crianças deste grupo realizam acordos, divisões, estabelecem o lugar da plateia, distribuem as cadeiras da sala formando uma meia lua em frente ao palco. O palco é a janela do castelo construído na sala.



Figura 3. A vida social e seus códigos

A plateia senta-se e assiste as apresentações do teatro de bonecos da janela do castelo. Mas a logo surge às in(ter)venções e as trocas de papéis. Uma das crianças da plateia diz:

- *“A chapeuzinho vermelho precisa de uma capa”*.

- *“Não, é João e Maria que iam subindo a rua”*.

- *“Não, não, não! Não é essa história”*.

E a brincadeira se reestrutura.

R. levanta-se da cadeira, e diz:

“-Eu vou fazer uma pipoca”.

E serve a plateia, a plateia começa a comer a pipoca quando outra criança intervem.

“- Não, não pode comer dentro do teatro, só antes do teatro começar, lá fora”.

B. surge na Janela palco.

-“Está na hora da Chapéuzinho e os três porquinhos”.

-“Tem lobo aí?” - Pergunta R.

- “Tem sim, mas ele saiu, foi no mercado”.

Neste registro de campo, há indícios de dinâmicas de apropriação e ressignificação dos códigos de convívio na cidade, que aparecem no jogo simbólico. As crianças, possuem a habilidade de dramatizar espontaneamente o cotidiano, de (re)criar e significar, é pressuposto do desenvolvimento cognitivo o faz-de-conta.

A teatralidade para Souza (2014) envolve tudo aquilo que pode tornar-se signo, sensação, percepção no momento em que é desenvolvida uma “cena”, a qual implica disposições dialógicas em sua composição. Segundo Pinho (2006), assim como o sonho, uma cena lúdica, não é ordenada, lógica ou coerente, mas é na sua criação que as crianças se apropriam de significados assim como do universo simbólico que estão inscritas.

A representação do teatro enquanto espaço, divisão entre palco e plateia, e a fala: “- Não, não pode comer dentro do teatro, só antes do teatro começar, lá fora”, retratam a (re)significação de códigos culturais, de normas de conduta, de boas maneiras

no sentido etimológico de urbanidade. No entanto, quando surgem as falas posteriores: “-Tem lobo aí?” - Pergunta R. - “- Tem sim, mas ele saiu, foi no mercado”, nos levam ao sentido de urbanidade proposto por esta pesquisa, em que as crianças confabulam sobre a cidade, uma urbanidade(s) em constante construção. Tal tensionamento das delimitações no espaço do jogo simbólico de um dos códigos da cidade (portar-se ao teatro) remete à discussão, proposta por Setton (2002), quanto à atualização do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu à luz da contemporaneidade. Para a autora, *habitus*, não poderia ser visto como um acúmulo cultural do passado que se transmite em instituições tradicionais, que será distribuída à sociedade de maneira desigual, demarcada, sobretudo pela questão de classe⁵. Para a autora, uma proposta de atualização do conceito de *habitus*, envolveria:

[...] um sistema de esquemas em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno; *habitus* como produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade; *habitus* visto de uma perspectiva relacional e processual de análise, capaz de apreender a relação entre indivíduo e sociedade, ambos em processo de transformação. (Setton, 2002: 69)

A partir dos indícios presentes nos diferentes cenários, pode-se pensar a existência de processos de socialização como um processo dialético e processual que abrange a todos os cidadãos de uma cidade, inclusive as crianças. Tais processos envolvem a construção de cartografias próprias das crianças, para que se evidenciem seus percursos essenciais na cidade.

Os achados também apontam a importância das dinâmicas de interação neste processo que, longe de acessórias, seriam constitutivas de dimensões do estar e viver na cidade. Um estar e viver que não se aprenderia meramente por transmissão, tampouco seriam habilidades inatas ou destinadas ao sujeito. Nas interações estão em jogo construções conceituais e subjetivas, que vão sendo negociadas pelas crianças, dia a dia, no registro de uma urbanidade em construção, no âmbito das culturas infantis, em constante relação agônica e dialógica com a cultura dos adultos.

5. Considerações finais

O intuito deste trabalho foi investigar de que formas crianças dizem e produzem imagens sobre a cidade. Retomando as perguntas norteadoras, questionávamos como seriam estas produções, se existiriam similaridades e diferenças com a perspectiva adulta.

Após a apreciação e discussão dos dados, consideramos que, ainda que sejam perceptivelmente distintas as perspectivas da visão da cidade entre crianças e adul-

⁵ Ainda que fatores ligados à classe ainda tenha uma parcela preponderante nesta divisão, pois não podemos esquecer que são crianças de classe média, que possivelmente vão ao teatro com seus pais. Não se pode dizer que discussões desse tipo, envolvendo especificamente o teatro e como se portar nele aconteceriam desta forma com públicos de classes socioeconômicas menos abastadas. Talvez o teatro não fosse o espaço tematizado neste tipo de discussão, talvez as discussões entre as crianças ocorressem de outra maneira, ou nem existissem. Somente novas investigações em outro contextos geográficos e sócio econômicos poderiam permitir algum tipo de generalização dos resultados encontrados.

tos, talvez a pergunta que tínhamos realizado, que envolve similaridades e diferenças, deva ser revista. Isso porque os dados trazem vão para além desse binômio, que encerra um certo adultocentrismo.

Ao buscar similaridades e diferenças, buscamos o quanto as narrativas verbais e imagéticas das crianças se pareceriam com a perspectiva adulta, tomada como referência. Considerando os cenários apresentados, pode-se pensar que a pergunta mais condizentes não seja a perspectiva adulta *versus* perspectiva das crianças sobre a cidade, mas sim como crianças, por suas perspectivas, se apropriam e ressignificam os códigos culturais, através de suas produções.

Apropriação e ressignificação da cidade, e seus códigos relacionados em um jogo de negociações processual e dinâmico, eminentemente social, que se expressa, de diferentes maneiras, nos aspectos abordados neste trabalho: ver-se e ver outro no espaço urbano; orientar-se neste espaço (com base nos repertórios disponíveis para sua fase da vida, por exemplo: o trabalho do pai, o caminho de casa) e das negociações com relação a um código específico da cidade: o portar-se no teatro, por exemplo.

Como limitadores do estudo, temos a sua própria natureza exploratória que o caracteriza. Acompanhou-se somente um grupo, durante um projeto pedagógico, em uma escola. São necessárias outras investigações, com outros grupos da educação infantil, de outras escolas, de outras faixas etárias e estrato socioeconômico, para novas perspectivas sobre o tema.

Os achados desta pesquisa, ainda em andamento, apontam para a potencialidade da apreciação das produções das crianças de imagens e dizeres sobre a cidade como contribuição para o aprofundamento das discussões sobre processos educativos de ensino e aprendizagem mais condizentes com esta fase da vida e que considerem as perspectivas e as produções das crianças como estratégias dinamizadoras das práticas pedagógicas na educação infantil.

6. Referências bibliográficas

- Andrade, L. M. V., Axt, M. (2000). Tudo que é dito é dito por alguém: A noção de cidade como espaço cognitivo. *Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, 3(1) set., 85-100.
- Axt, M. (2008). Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede. *Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, 11(1) jan./jun., 91-104.
- Axt, M., Silva, P. M. da, Tittoni, J. Experimentações fotográficas: o tempo como tema-dispositivo na pesquisa com imagens. *Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, 16(2), jul./dez., 203-216.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bergson, H. (1999). *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- Deleuze, G. (1998). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- Dias, C. (2014). *Mensagem para o Rei*. Ilustrações: Aline Haluch. Rio de Janeiro: Escrita Fina Edições.
- Dias, C. (2004). *Menina Luz*. Ilustrações: Ana Terra. Noz Produções Literárias.
- Dorneles, M. do A., Arenhaldt, R. Disposições Ético- Estético-Afetivas na pesquisa em Educação. En D. A. Feitosa, M. do A. Dorneles, M. A. Bergamaschi (Orgs.) (2016),

- O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação* (pp. 27-44). Cruz das Almas/BA: UFRB.
- Konzen, A. A. (2015). *Análise da interação de crianças com um agente pedagógico afetivo em um jogo digital: contribuições a partir do dialogismo bakhtiniano*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro interdisciplinar de novas tecnologias na Educação.
- Foucault, M. (1988). *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lansky, S. (2012). *Na cidade, com crianças: uma etno-grafia especializada*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Müller, F. (2006). Infâncias nas vozes das crianças: Culturas Infantis, trabalho e resistência. *Educ. Soc.*, Campinas, 27(95), maio/ago., 553-573.
- Müller, F. (2012). Infância e Cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 37(1), jan./abr., 295-318.
- Müller, F., Nunes, B. F. (2014). Infância e Cidade: um Campo de estudo em desenvolvimento. *Educ. Soc.*, Campinas, 35(128), jul-set., 629-996.
- Neuls, J. S. (2015). *Fotografia e Infâncias: O olhar das crianças da EMEI Humaitá sobre o mundo que as cerca na escola*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CINTED/UFRGS. Porto Alegre.
- Pinho, G. O brincar na clínica interdisciplinar com crianças. *Escritos da criança*, nº 6. Centro Lydia Coriat, 179-192.
- Sarmento, M. J. (2007). Visibilidade Social e estudo da Infância. En M. J. Sarmento, V. M. R. Vasconcellos (Orgs.), *Infância (in)visível* (pp. 25-49). Araraquara, SP: Junqueira & Marin.
- Setton, M. G. J. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, 20, maio/ago., 60-70.
- Setton, M. G. J. (2011). Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, 37(4), dec., 711-724.
- Holzer, W., Holzer, S. (2013). Cartografia para crianças: qual é seu lugar? *Geograficidade: revista grupo de pesquisa geografia humanista cultural*, 3, Número Especial, Primavera, 93-104.
- Souza L. F. de. (2014). A magia e o encantamento do teatro na infância. En S. R. V. da Cunha (Org.), *As artes do universo infantil* (pp. 155-187). Porto Alegre: Mediação.
- Spohr, F. S. (2015). *Cadernos, pincéis e netbooks: modulações tecnológicas em uma escola da rede pública de Ensino Básico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação. Porto Alegre: UFRGS/CINTED/PPGIE.
- Würfel, A. L., Dornelles, L. V. (2017). Quando as crianças de três anos são ouvidas sobre a casa de brincar no Pátio. En S. S. de Albuquerque, J. Felipe, L. V. Corso (Orgs.), *Para pensar a educação infantil em tempos de retrocesso: lutamos pela educação infantil* (pp. 116-134). Porto Alegre: Ed. Evangraf.